

# ÉTICA E RESPONSABILIDADE NA VIDA

Denise Quintão

Sob o ponto de vista fenomenológico, este texto se propõe a questionar a ética não como um ordenamento de princípios e normas orientadoras do comportamento humano, mas como a realização primordial do homem. Antes de mais nada, é preciso pensar o mistério da vida, o mistério de uma dinâmica de singularização, originariamente constitutiva da unidade plural do real. O termo “originária”, aqui, está sendo compreendido como o que está antes de qualquer inauguração, depois de qualquer esgotamento, vigor de toda superação, porque está presente em todos os instantes de qualquer tempo e de qualquer acontecimento. É a identidade que acolhe e gera as diferenças. A terceira margem do rio, que inclui a segunda e a primeira, num movimento contínuo de geração, transformação e superação. O ser é, originariamente, singular. Na identidade primordial de cada ser vige a pluralidade de todas as diferenças, sem que a simplicidade singular de cada realização se perca nessa comunhão.

O *éthos*, no homem, identifica-se com o modo livre de ser. Realiza-se como condição reflexiva que acolhe e projeta, continuamente, toda a natureza (natureza entendida como *phýsis* em Aristóteles, isto é, um aparecer cujo aparecimento remete à abrangência ôntica de uma contínua origem autônoma), num diálogo ontológico e libertador. Ética não é diferente de filosofia, nem o fundamento do ser. Só se diz isso numa projeção metafísica. Ao contrário, *éthos* é a radicalidade do pensar, isto é, a compreensão da relação primordialmente constitutiva que o homem estabelece consigo mesmo e com o outro – tanto o outro de si mesmo quanto o outro do outro. Compreensão não é raciocínio nem lógica. Nela não há estabelecimento de metas e princípios, não há um exercício subjetivo. A compreensão é o mergulho no sentido de ser em que o homem, antes mesmo de ser homem, já se encontra. O exercício ético só é possível na medida em que o homem aceita a

si mesmo como polo instalador e iluminador do ser de todos os seres e das relações que entre eles podem se estabelecer. Tensão entre ser e não ser, a realização livre do *éthos* não se dá de uma vez, mas ao longo da existência histórica e pessoal de cada homem. Esta compreensão originária de *éthos*, como o ser do homem, concedido antes da realização de qualquer real, a hermenêutica do platonismo legou para a história como ser da e para a libertação. Em Platão, pensador da articulação inaugural do Ocidente, a questão da liberdade no homem emerge, pela primeira vez, na grandeza de um humanismo ontológico. Nessa perspectiva fenomenológica, o sentido de responsabilidade traz à fala a realização do homem integrado na totalidade livre e originária do real sem restringir a ética a um dever ou conteúdo moral, ainda que contido numa máxima universal. Ser responsável mostra-se como a condição singular de acolher qualquer diferença como constitutiva de si mesmo. Somente o ser da compreensão (o ser do *lógos*), ao concentrar em si a tensão da identidade nas diferenças, toma essa unidade como “si mesmo”. Essa compreensão dá sentido e vida a todo o seu ser, centrando-o numa referência com todos os seres. Trata-se, na verdade, de uma dinâmica de responsabilização.

Nos questionamentos desenvolvidos a partir dessa perspectiva, a unidade dinâmica da vida é pensada como movimento de superação em que tudo é tudo. Isso não seria possível sem a consideração radical do sentido que guarda a vida, compreendida como um transformar contínuo das diferenças. Essas diferenças são desdobramentos constitutivos da identidade originária, que se mostram num perfil sempre singular. O fluxo da vida concentra-se e preserva-se na realização concentrada de cada vez, de modo que, em cada um, tudo que há está singularmente presente. A vida não emerge em individualidades fechadas em si mesmas, mas em concentrações abertas que, amorosa e reciprocamente, acolhem as diferenças no envio de cada realização. Assim, concepções como unidade, transformação, superação, tensão, deverão ser reflexivamente pensadas tendo em vista a sustentação e a superação da questão.

A originalidade da ética, conservada na palavra grega *éthos*, remete para tensão, integração, unidade e, portanto, superação, no homem, da vida física, *dzoé*, e da vida cultural, *bíos*. Resumindo, *éthos* inclui e

transcende (isto é, supera) a integração de *bíos* e *dzoé*. Desse modo, o homem conquista a si mesmo num projeto de contínua superação. A compreensão de que a cultura tecnológica da contemporaneidade está aberta à sua própria superação não diz respeito aos conteúdos da técnica, mas à possibilidade, sempre dada, de uma transformação radical, na qual a expressão cultural da civilização humana integraria a técnica no horizonte de uma nova realização, diferente da atual. Ética diz, antes de tudo, o projeto radical – e, por ser radical, livre – de ser no mundo, ou seja, a libertação da liberdade nas conquistas e nas obras da existência humana.

Nessa profundidade sem fundo, a responsabilidade se mostra no percurso humano de libertação de si mesmo como o *modus recipiendi* que preserva e projeta como mundo as diferenças de todos os seres. Ser homem é ser responsável, isto é, fazer aparecer tanto as possibilidades de vir a ser de todos os seres em cada ser, quanto as relações que, cada vez e comunitariamente, se estabelecem, formando cada envio singular. Isso é o que diz a causa eficiente de Aristóteles: em Policleto, todas as causas se integram, se compõem e iluminam o sentido da e na unidade da vida. No homem, aparece a possibilidade guardada no mármore de se tornar uma obra de arte, a possibilidade da planta de se transformar em alimento, remédio e cosmético, a possibilidade do animal se mostrar um ser a serviço do trabalho ou um ser capaz de compartilhar a solidão humana.

O homem é o único ser que, para existir, tem de conquistar sua própria existência, pois o existir humano não se dá num simples viver e morrer. Para o homem, a morte, assim como a vida, é sempre uma conquista. Pobre de mundo, o animal simplesmente morre, não espera pela morte, nem teme a morte, e por isso mesmo não procura superar a morte. Mas o homem é um ser do mundo, e por isso morre determinado pela conquista de sua própria existência, um empenho de superação da morte. A vida humana é mais do que sinais vitais; é sentido. Não há nada no homem que seja puramente animal. A animalidade no homem é absorvida e transformada pela sua humanidade. O cavalo espirra como o cachorro espirra, mas o homem não espirra como os animais espirram. O homem espirra como homem. A questão que permanece

nessas considerações é: o que é este homem que os arcaicos e antigos, judeus e pagãos, intuíram ser à semelhança do divino?

Existindo, o homem constrói, cada vez, o mundo em que vive, descortinando continuamente um horizonte de novas possibilidades. Nesse modo de ser, sempre aberto às transformações, encontra-se a esperança do Bem. Esse genitivo tem mão dupla: tanto diz a esperança do homem entregue à plenitude do ser quanto a esperança que o homem recebe da plenitude do ser. Assim, a questão fundamental da existência humana não é apenas como se vive, mas também como se morre a cada instante, na vida que se vive, na medida em que vida e morte reenviam-se e constituem-se reciprocamente numa unidade originária. No e do problema da vida e da morte emerge o mistério do instante gerador, que concentra, na maioria das vezes de forma imperceptível, a extraordinária força de vir a ser no aparecimento de um ser ordinário, por vezes até insignificante para os olhos fustigados pela aparência, ofuscados pela visibilidade do real.

A vida não se instala por partes como num jogo de quebra-cabeça; doa-se num todo aberto. Em toda transformação há uma repercussão integral que atinge, com maior ou menor intensidade, todos os recantos do ser. A força de transformação da vida não pode ser contabilizada quantitativamente nem mesmo qualitativamente. Essa impossibilidade não depende de um avanço técnico na investigação das ciências sobre a vida. Na inviabilidade de controle e posse do instante criador, encontra-se o limite entre o conhecimento e o espanto diante do inesperado. Para o pensamento radical, não há esperado; tudo, mesmo a margarida selvagem que nasce à beira da floresta, a maré da lua ou o pôr do Sol, é inesperado. Muitas possibilidades se preparam no recolhimento do silêncio, esperando irromper no momento oportuno, enquanto outras se enviam e se instalam como real. Ambas formam o mundo da vida em que os homens se encontram mergulhados. Em que momento se dá a decisão da vida, fora do alcance da razão humana? De onde provém a força dessa decisão? Que sentido oferecem as decisões do real? Poderiam as decisões tomadas ser diferentes? É a pergunta que mobiliza artistas, filósofos, místicos, todos aqueles que se dedicam ao ócio criativo do pensamento.

No círculo circuncêntrico da vida, na ciranda do ser, não há um momento antes e outro depois, um momento em que se vive e um momento em que se morre. Vive-se na morte de todo instante e morre-se, cada vez, na vida de todo dia. O homem contemporâneo tem dificuldades de compreender essa ambiguidade integradora das diferenças numa unidade primordial e entrega o que brota do mistério ao falatório das discussões, que muito dizem, muito propõem, mas nada agem, nada são. É que essa atitude desintegrada da unidade primordial entende ser e pensar como duas coisas distintas. Ora, se pensar fosse diferente de ser não haveria nenhuma transformação no real, nenhuma mudança no ser. O pensar, no homem, é apenas um reflexo do pensamento, enquanto dinâmica geradora de todas as realizações do real. É o que Heidegger chama de pré-compreensão. A transformação do pensar se revela na unidade de ser e pensar, isto é, o real da realidade. Não há realidade sem real, o que significa que a unidade de ser e pensar é originária. A pré-compreensão é o sentido do ser. O sentido do ser é o ser.

A tradição do Antigo Testamento formulou na expressão *Hayeh asher hayeh* essa concentração vital, normalmente traduzida como “eu sou aquele que é”. No entanto, não há no hebraico a distinção que encontramos na tradução em português: não há conectivo, não há pronome pessoal reto, nem demonstrativo, de maneira que podemos compreender essa milenar formulação apenas como “sou sendo”. A questão da ética não se discute a partir de conteúdos, mas surge da e na unidade primordial da vida. A ética pensa o modo como o homem vive. Todo dever só se cumpre como dever enquanto realização da condição humana. Fora da condição humana não há dever nem não dever. O cachorro não tem o dever de cuidar da casa, o cavalo não tem o dever de puxar o arado, a vaca não tem o dever de dar leite. Não é o imperativo que importa, mas a doação concedida. Os místicos medievais compreendiam bem o sentido da unidade entre ser e pensar. O elá do movimento cristão busca essa unidade primeira. Cristo não apresentou uma doutrina ou divulgou certos conteúdos. Cristo é a vida da Mensagem, Cristo é a Mensagem.

Claro que essa questão se esvazia se pensada nos limites de uma posição ideológica, pois a experiência mais radical de todas é sempre re-

ligiosa. Não se deve entender religiosidade como a decisão de um seguimento ou a doutrina de uma instituição. Religiosidade é a experiência remissiva do mistério em tudo que o homem faz, é, pensa e vive. Não há homem que não seja religioso, mesmo quando nega o mistério. Chamamos de ideologia toda convicção que exclui, do âmbito de suas considerações, o que não contribui para o cumprimento de seus projetos. Somente no mais íntimo de cada pessoa, lá onde nem a determinação da consciência alcança, nem a repressão do inconsciente oculta, lá, nas entranhas do inesperado, fora do âmbito da correlação sujeito-objeto, a relação entre vida e morte assume o vigor essencialmente comunitário da origem de onde provém.

A existência humana, nas tensões que tecem sua rica trama de todo dia, espelha a profundidade originária de todas as coisas, espelha a imagem de um mistério uno e comunitário. Reflexo dessa profundidade esquecida, o destino do homem se cumpre em comunhão, quer ele compreenda isso ou não. Comunhão não é uma partilha, mas uma dinâmica radical, uma doação integral que, reciprocamente, constitui a possibilidade de cada ser. Ninguém é dono de sua vida. Ninguém é dono de sua morte. Pensar assim é legado de um tempo individualista, dominado pela ilusão do controle da vida e do inesperado. Para a ciência, o corpo não passa de matéria, o que, para essa mentalidade, basta para justificar todas as agressões contra ele cometidas. Mas, assim como a vida não se reduz a sinais vitais, o corpo não é pura matéria. Na unidade do corpo, habita e vige o espírito da carne. Maximo, O Confessor, um pensador da Antiguidade medieval, lembra que, pela graça da vida, o homem só permanece inteiramente humano em alma e corpo e, pela graça da fé, torna-se inteiramente Deus em alma e corpo. Mas essas considerações são estranhas à ciência, de cujo ceticismo estéril surgem, historicamente, várias discussões, em diversas áreas do conhecimento, que colocam em jogo a permanência da vida.

A questão da vida não pode se desenvolver em áreas específicas do conhecimento. A vida só aparece como vida na profundidade de seu aparecer. O homem só alcança essa profundidade abrindo-se para a dinâmica da vida de sua própria vida. Vivendo (e viver é uma dinâmica de superação) a tensão entre *dzoé* e *bíos*, que a metafísica sistematizou

como diferentes realizações da vida, o homem conquista sua própria humanidade, na singularidade de cada um. Em cada homem está presente a totalidade da vida. Ainda que se pudessem juntar num conjunto todas as coisas vivas, não se poderia saber o que é vida. É preciso pensar, e nenhum pensamento se dá como um ato pronto e acabado. O radical *dza-*, comum entre os gregos antigos, forma várias palavras, entre elas *dzá-o*, que traduzimos como viver ou vivo. Prefixando outras palavras, esse mesmo radical leva o sentido primordial que chega ao homem através da experiência do irromper, do desabrochar, do transformar-se, do encontrar e do diferenciar, que vibra em tudo que chamamos de vida. Para o grego pré-socrático, *dzoé* diz respeito a tudo que é e está sendo e não somente ao que, usualmente, chamamos como ser vivo. Com a metafísica de Aristóteles é que esse sentido se restringe a uma região da vida. No entanto, o homem não é somente *dzoé*. A condição humana, em sua simplicidade mais profunda, recebe na e da vida uma força de realização que se diferencia de *dzoé*, manifestando-se como *bíos*. Transparente para essa totalidade, o homem reconhece a si mesmo no mundo real e instala uma teia de relações em que a cada vez o mundo emerge numa singularidade. *Bíos* diz a maneira como o homem realiza a força de *dzoé*, de modo que não se trata de duas forças diferentes, mas da unidade de duas realizações provenientes do mesmo vigor que põe em vigência todos os seres.

A tensão entre *dzoé* e *bíos* se dá numa dinâmica de transformação que, a partir do recolhimento das diversas possibilidades do real, doa sentido à vida humana, instalando uma pluralidade contínua de realizações existenciais, culturais, pessoais e comunitárias. A vida, no homem, caracteriza-se por um processo constante de libertação – é o que nos diz o mito da caverna de Platão. Não há um momento em que o homem está pronto e acabado como homem. Ser homem não é nascer com dois braços, uma cabeça e duas pernas, nem o homem deixa de ser homem se lhe falta integridade física, ainda que a parte faltosa dessa integridade física seja o cérebro. Se a totalidade do real move-se em direção à singularidade de cada ser e nela se concentra de forma única, mesmo no descerebrado, no acéfalo, as possibilidades de ser e não ser vigem, se mostram e se recolhem. Nesse vazio que nunca se preenche, mas em

que tudo vem a ser, o destino livre e errante do homem se cumpre. A ética não pode ser um comportar-se devidamente, mas o empenho contínuo de alcançar, a cada vez, a plenificação das possibilidades dadas à condição humana. Por isso, a ética não é uma área do comportamento humano. A ética é o modo de ser do homem, um modo que, continuamente, se perfaz pela e na liberdade do pensamento.

Desde Aristóteles o homem vem sendo entendido como animal racional, numa tradução impensada de *dzóon lógon échon*. A palavra *lógos*, sem dúvida, possui uma abertura de múltiplos significados. No entanto, em todos eles ecoa o sentido originário de *lógos* como força de reunião e instalação da vida. Ora, a vida não se instala de qualquer maneira, mas envia-se num sentido originário. *Lógos*, aqui, neste texto, diz essa força de reunião e instalação do sentido no ser. É próprio do homem receber e perceber, segundo sua natureza criativa, o sentido em que todos os seres se desvelam e se ocultam. Esse movimento de vir a ser vibra com tal intensidade que o homem o acolhe com paixão, com arrebatamento. Por isso, a radicalidade do modo de ser homem é sempre uma paixão, não no sentido de emoção (embora esse sentido não se exclua da vida), mas no sentido de abrir-se à raiz da semelhança, ao mistério de ser. É a paixão do pensamento, tão bem compreendida pelos antigos. Assim entendido, o pensamento não é um fenômeno a mais na vida, mas a própria vida, como dinâmica de realização em que os seres se recolhem no silêncio e se projetam como real. A antiguidade cristã chamava de espírito o modo re-flexivo de ser, que somente o homem realiza. Santo Anselmo buscava refletir nos seus textos a identidade entre Deus e Pensamento. Para o monge beneditino, o Pensamento maior do que o que de maior se pode pensar vibra em todo pensamento do homem.

Muitas coisas são estranhas. Nada, porém, há de mais estranho do que o homem, diz o primeiro coro de Antígona. As múltiplas perspectivas da ciência não conseguem apreender esse ser misterioso. Somente a atitude aberta à totalidade e à profundidade do real, que abriga a comunhão originária dos seres, pode contemplar o mistério no e de ser. Por que o homem é estranho? Por ser, ontologicamente, *lógos*, isto é, transparente para tudo que é, não é e está sendo, o homem vive a ambiguidade de ser e não ser. O homem é constituído pelo e no desafio de tornar-se homem.

Pela força do pensamento, tudo que o homem sente, vive e faz torna-se humano. O homem não tem apenas fome, come e se satisfaz. O homem pode se recusar a comer, mesmo tendo fome, ou pode comer, mesmo não tendo fome. Para o animal não há escolhas; no entanto, se para o homem há escolhas, não há escolha (a diferença entre escolhas e escolha remete para o ôntico e o ontológico), isto é, o homem não pode nunca deixar de ser livre, mesmo sob tortura, mesmo com uma arma apontada para sua cabeça. A prepotência e a violência podem tirar muitas coisas do homem, até mesmo a vida física, mas não podem tirar a liberdade que lhe foi, pelo mistério, concedida. O homem nasce livre e morre livre. Para o animal não há inesperado, não há tempo, não há ser; há apenas a vibração da vida, captada segundo a natureza de cada um. A morte não é inesperada, a doença não é inesperada, tampouco a tormenta. Só o homem espera e não espera pelo inesperado. O inesperado não é o que vem quando não se espera que venha, mas o mistério, que além e aquém de todo esperar e não esperar, se torna acontecimento da vida e se mostra na simplicidade irrepetível de todo acontecer.

Assim como o homem tem sua vitalidade constituída numa abertura de sentido, ele se relaciona com a diferença, com o outro, a partir da identidade radical que nele se reflete. A alteridade não diz a individualidade de um outro indivíduo; a alteridade constitui ontologicamente o si mesmo de cada um. Uma vez, em sala de aula, discutindo a questão ética, um aluno comentou que, de fato, aumentava a consciência de que as minorias negras deviam ser acolhidas. Eu perguntei: quem, nessa colocação, pensa que tem o dever ou o poder de acolher os negros? De quem é a voz do alento de acolhimento de outros homens? Da maioria não negra que detém o poder? Da maioria que detém o domínio, a maioria que pensa deter o controle de quem fica ou de quem parte, de quem perde ou de quem vence, de quem é bom ou de quem é mal? E pensar assim não é afirmar uma discriminação? Dizer isso não é afirmar o domínio branco do Ocidente?

Esse modo de ser ideológico, dissimuladamente fraterno, traz o risco da inautenticidade, além de ser uma ingênua prepotência. A condescendência pode ser a maior das discriminações. A benevolência a maior das violências. Imaginemos que essa maioria detentora do poder

de decisão sobre a igualdade dos homens, por determinados motivos, escolhesse discriminar os negros? Por negar a comunidade entre os homens, achando que certo grupo pode decidir a vida e a morte de outros homens, essa colocação sofre a tendência de embrenhar-se na violência fundamentalista. Esse pensamento esquece que os negros, os brancos, os judeus, os cristãos, os budistas, os excluídos, os incluídos, estão acolhidos desde sempre, independentemente do que pensa ou do que quer este ou aquele grupo. Pensar a ética em sua originariedade, e não em seus princípios norteadores de deveres, é esperar por uma nova atitude de fraternidade em que todos se constituam e se edifiquem reciprocamente.

Essa guinada combate qualquer sombra de domínio e escravidão, pois mesmo preso numa cela, todo homem morre livre. O domínio e a escravidão, enquanto atitudes, fazem parte do modo de ser dos homens. Por isso, apontar a possibilidade de um novo horizonte é, ainda, muito pouco. Só um empenho contínuo, constante e despojado de um agir que não pretenda se sobrepor ao outro, quer pela opressão, quer pela liberalidade, pode oferecer aos homens uma esperança, a esperança do amor. A ética de um novo deus é a ética da libertação, a ética do amor, não aqui entendido como fazer um bem, mas como fazer o Bem em tudo o que se faz. Esse é o destino comum de todos os homens, bons e maus. O Bem é a plenitude de onde o ser recebe forças e para onde o seu olhar se volta buscando a si mesmo, mesmo quando o mal é praticado. É que em cada queda singular, o homem encontra a sabedoria da superação, a criatividade da elevação à plenitude da condição humana. Mas os homens são singularmente finitos e, por isso, encontram diferentes e inesperadas respostas às peripécias da vida. Há homens que, na queda, se perdem no fundo e lá permanecem sem vigor de seguir. Para esses homens, uma só é a esperança: o perdão da comunidade. Não é preciso aderir a uma religião para perdoar. Mesmo o ateu pode conhecer o perdão. Quanto maior for o empenho em ser para o outro e no outro, mais o *éthos*, no homem, faz brilhar a plenitude da condição humana.

*Resumo*

Pensaremos a ética como dita na palavra grega *éthos*. Ao contrário de sua acepção comum, em que podemos acusar alguém de ter ou não ética, o *éthos* estabelece uma dimensão originária para o homem e todas as suas ações. Ele é essencialmente livre porque é ético, lança-se na diferença do ser. Em todos os momentos da civilização, a ética poética consiste em cuidar para que o outro seja o que ele é, o que não pode ser removido ou apagado nem mesmo na morte.

*Palavras-chave*

Ética; identidade; diferença; humanidade; linguagem.

*Recebido para publicação em*

28/11/2009

*Abstract*

In this essay a consideration of ethics as said in the greek word *ethos* is attempted. Differently from its ordinary meaning, according to which we can accuse someone of being ethical or not, *ethos* establishes an originary dimension to man and all of his actions. He is essentially free because he is ethical, thrown into the difference of the being. In all moments of the civilization, the poetic ethics consists in letting one be what one is – something which cannot be taken or removed even in death.

*Keywords*

Ethics; identity; difference; humanity; language.

*Aceito em*

01/03/2010

